

Entrevista com Joel Paviotti

Divulgação científica e mídias sociais: a relação entre públicos e História

Interview with Joel Paviotti

*Dissemination and Social Media:
the Relationship between Audiences and History*

Entrevista realizada em primeiro de outubro de 2020.

Isis Muller Krambeck*

Claudia Priori**

Joel Paviotti é professor, cientista político, historiador e escritor, além de produtor e divulgador científico, especificamente na página *Iconografia da História*. A soma de seguidores/as em várias plataformas digitais – *Facebook, Twitter, Instagram, Spotify, SoundCloud, Anchor*, entre outras – é de cerca de oitocentas mil pessoas, chegando a alcançar semanalmente a faixa de um milhão e meio de pessoas, no Brasil e no mundo. Como um canal de divulgação científica, a página aborda temas variados, sobre diferentes contextos históricos, promovendo maior aproximação com amplas audiências e/ou públicos. Os conteúdos veiculados nas várias redes sociais da página é fruto de pesquisa, leituras e construções narrativas do trabalho colaborativo de uma equipe formada por profissionais de áreas distintas. Numa autoridade compartilhada, a página *Iconografia da História* é uma das práticas de história pública que têm sido realizadas no Brasil, como espaço de divulgação científica, de conhecimento histórico e de diálogo com públicos diversos.

Joel Paviotti is a professor, political scientist, historian, and writer, as well as a producer and scientific disseminator, specifically on the *Iconografia da História* page. The sum of followers on several digital platforms like Facebook, Twitter, Instagram, Spotify, SoundCloud, Anchor, among others – is about 800,000 people, reaching weekly the range of one and a half million people, in Brazil and worldwide. As a channel of scientific dissemination, the page addresses varied issues, about different historical contexts, promoting greater

* Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. isismullerkrambeck@outlook.com

** Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. profclaudiapriori@gmail.com

approximation with broad audiences and/or the public. The contents published in the various social networks of the page are the result of research, readings, and narrative constructions of the collaborative work of a team formed by professionals from different areas. In a shared authority, the *Iconografia da História* page is one of the practices of public history that have been carried out in Brazil, as a space for scientific dissemination, historical knowledge, and dialogue with diverse audiences.

Primeiramente, queremos externar nossos agradecimentos por aceitar participar desta entrevista. Para iniciarmos, poderia nos relatar um pouco de sua trajetória profissional e de como chegou à criação da página Iconografia da História?

Sou formado em Ciências Sociais e habilitado em História pela Universidade Estadual de Campinas. Comecei minha carreira como professor na rede estadual pública de São Paulo. Minha formação ocorreu concomitante à ascensão das redes sociais. Fato que possibilitou a interferência delas no meu trabalho. Aos poucos, passei a usar a rede para informar meus alunos/as sobre curiosidades e detalhes sobre os conteúdos que tínhamos estudado em aula. Fazendo esse trabalho extra, percebi o interesse de pessoas das mais variadas idades, que nada tinham a ver com o perfil de meus estudantes. Então comecei a publicar mais vezes, até que criei a página em dezembro de 2016.

Pelo trabalho que você realiza nas mídias sociais, com qual tipo de profissional você se identifica? Como se denominaria?

Eu costumo me autodenominar professor. Foi a formação docente que possibilitou o desenvolvimento do didatismo pelo qual componho os conteúdos publicados. Porém, como o termo “docência” está ainda muito ligado à sala de aula e a cursos *online*, acabei adotando os termos “Produtor de Conteúdo Digital” e “Divulgador Científico”. Também me considero, de forma mais generalizada, como *influencer*, pois muitas pessoas me procuram dizendo que alteraram a forma de ver o mundo, buscaram referências e textos indicados por nosso trabalho.

Você poderia nos falar um pouco de sua equipe de trabalho, de como é composta, se é multidisciplinar e qual é a formação?

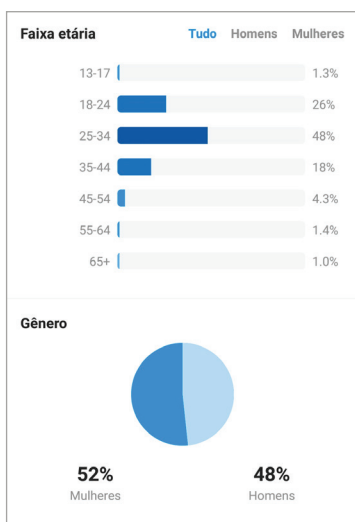
Até 2019 eu fazia tudo na página, desde as pesquisas à edição dos vídeos. Atualmente, nós somos uma equipe formada por três pessoas. Eu, Adriana de

Paula, que tem formação em Letras e é doutora em Linguística, e Fernando Zeneratto, que faz a edição e administração das páginas e, agora, do site. Geralmente eu e a Adriana definimos e escrevemos os textos, ela revisa e qualquer um dos três posta. No site e canal do *YouTube*, o sistema de trabalho segue a mesma lógica. Porém, eu faço a apresentação dos vídeos. Foi uma opção da própria equipe. Precisei socializar as funções das páginas com eles, pois estava sendo muito trabalhoso e custoso para uma pessoa só. As redes sociais são cruéis com o nosso trabalho. Se você deixa de publicar dois ou três dias, começa a perder inscritos – e isso vai criando uma espécie de desespero. Talvez seja proposital para nos manter na rede de forma perpétua, produzindo conteúdo.

Vocês fazem um acompanhamento do perfil de quem acessa a página? Qual é o público de vocês?

Nosso público é formado por gente de todas as idades. Mas, estatisticamente, temos 52% de seguidoras mulheres e 48% de seguidores homens. A nossa faixa etária de maior alcance é dos 18 aos 35 anos. Esse grupo constitui mais de 60% das pessoas que consomem nosso trabalho. Abaixo, imagem capturada das estatísticas do *Instagram*. O Canal do *YouTube* e a página no *Facebook* obedecem também a essa tendência, repetindo esses números com uma ou outra alteração de 1 a 3 pontos percentuais

Figura 1 - Estatísticas do perfil *Iconografia da História* no *Instagram*



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado.

Joel, sabemos que sua curiosidade sobre vários assuntos o levou inicialmente a postar conteúdos em seu próprio perfil do Facebook, do qual posteriormente surgiu a página Iconografia da História. Como surgiu essa iniciativa, essa vontade de criar materiais informativos e de disponibilizá-los ao público? E qual era/é sua intenção com esse modo de divulgação?

Como foi colocado na primeira questão, eu usava as redes sociais para trabalhar material extra com meus alunos/as. Eu dava uma aula de História sobre a Primeira Guerra Mundial, falava sobre o “terror das trincheiras” e era nítido o interesse dos alunos/as, mas, na sala de aula, devido aos fatores curriculares e de escassez de tempo, não conseguia compartilhar com eles essas curiosidades. Então, após a aula, eu ia em meu perfil e publicava coisas sobre as trincheiras: tamanho dos ratos encontrados, como era feita uma trincheira, entre outras curiosidades. Em pouco tempo, meus amigos mais próximos começaram a se interessar também, vi que as curtidas e compartilhamentos aumentaram. Aí precisei criar a página. Foi um processo meio natural. Você vai crescendo e cria a possibilidade de avançar e dar outros passos. Hoje temos seguidores até na Arábia Saudita e Uzbequistão (que nem sei onde fica direito).

Sua página torna-se cada vez mais uma espécie de revista eletrônica, como você mesmo já mencionou em entrevistas anteriores. Gostaríamos de saber como você e os gerenciadores de conteúdo escolhem as pautas a serem trabalhadas. O público participa deste processo?

Nós, equipe da página, temos um hábito em comum: a leitura. E é lendo que vamos descobrindo coisas curiosas para levar ao conhecimento do nosso público. Nós também procuramos fatos históricos que tenham ligação ou que rendam uma boa analogia ou comparação com fatos que estão ocorrendo no contexto atual. Para que o usuário possa entender que em tudo existe um “processo”, que a história é “cíclica” e que eventos ocorridos historicamente têm muito em comum. Nós também escrevemos resenhas de livros e filmes que marcaram a História, pois consideramos importante que nossos seguidores tenham acesso a esses conteúdos.

Em relação ao processo de transformação em uma revista eletrônica, de fato, já percebemos isso. E estamos nesse caminho agora, com a inauguração do site. Muitas pessoas não entendem direito nosso trabalho. Eles cobram compêndios acadêmicos em textos com caracteres limitados. Nós criamos con-

teúdos para que o seguidor possa se aproximar de um tema. Se gostar, ele tem o caminho para se aprofundar na imensidão da internet. Informação não faltará. É só “dar um *google*” ou acessar as referências que nós usamos na pesquisa, que sempre deixamos em um comentário fixado abaixo da publicação.

Também nos acostumamos a ler os comentários, os pedidos feitos pelo público. Eles enviam muitas mensagens pedindo para trocar certos termos, informando que há algo errado no texto e nós não temos problemas em ouvi-los ou corrigir nossas publicações. Isso é muito legal, mas também gera alguns custos, principalmente psicológicos. Chega um momento em que algumas pessoas acreditam que podem definir sua pauta ou mandar no que você produz. Mas ouvimos a todos e algumas vezes deletamos pessoas que têm posicionamentos que vão contra os direitos humanos e a ética da convivência saudável.

Em tempos de revisionismos e negação histórica, como é fazer divulgação científica nessa “terra de ninguém” que são as redes sociais? Como trazer a informação, apontar e denunciar o problema com respaldo histórico e criticismo didático sem ofender ninguém?

Olha, fazer divulgação científica nesses tempos e no Brasil é bastante difícil. O trabalho às vezes parece uma luta. O revisionismo e a ignorância estão muito aparentes nesse período de polarização política e obscurantismo. Além disso, a internet parece ter possibilitado uma forma de leitura muito ruim, que nós, lá na página, costumamos chamar de leitura de “destaque”. Vou tentar explicar: vamos supor que publicamos um texto sobre a Revolução Cultural Chinesa e colocamos que o governo de Mao era uma “Ditadura Socialista”. O sujeito que é da esquerda radical, e “passa um pano” para o líder chinês, para a leitura naquele momento, não termina o texto e vai nos comentários nos xingar ou desqualificar a publicação. Na outra ponta, o movimento é idêntico. Radicais de direita também estão prontos para chamar a página de comunista a cada publicação que mostra, por exemplo, alguma chacina que tenha ocorrido no Rio de Janeiro protagonizada pela polícia. Até entendemos esses posicionamentos, afinal são posições radicais e às vezes cegas, mas não nos agrada o fato de estarem sempre duvidando de nossas intenções. Isso machuca bastante o psicológico. Às vezes, o cara que aparece nos comentários de uma publicação cujo assunto é suicídio, pedindo para retirarmos ela do ar para não gerar “gatilho

psicológico” nos outros, é o mesmo que, em outra publicação, aparece xingando a mãe dos administradores e não respeitando nossa saúde mental.

Também acredito que por se tratar de uma página de história, muitas pessoas interpretem que ela tem um cunho político-partidário. O que não é verdade.

A ignorância toma conta de quem tem estudo formal e de quem não tem. Temos um problema bastante grande de capacidade de interpretação de texto no Brasil. Eu considero um trabalho muito difícil. Mas que afina a comunicação, o diálogo e acaba nos proporcionando a capacidade de identificar certos tipos de pessoas e discursos que aperfeiçoam nosso trabalho, o que possibilita que cada vez mais possamos fazer conteúdos que nossos seguidores/as gostam, porque passamos a conhecê-los melhor nessas discussões e contradições.

A página aborda os mais variados temas e, na maioria das vezes, as pautas que mais causam impacto no público são aquelas que trabalham com questões consideradas trágicas, ou que expõem as mazelas da sociedade. Alguns exemplos que podem ser encontrados nas publicações, vídeos e/ou podcasts, são: o caso do hospital psiquiátrico de Barbacena, do edifício Joelma, do massacre do Carandiru, do projeto “Aktion T4” da Alemanha nazista, que dizimou a vida de várias pessoas portadoras de deficiências, ou ainda da tragédia do Gran Circo Norte-Americano, no Rio de Janeiro. Na sua perspectiva, quais seriam as razões para esse tipo de conteúdo atrair tanto o público?

De fato, histórias trágicas geram muito mais engajamento. Acredito que isso é algo ligado à condição humana. Não sei teorizar sobre, mas nós somos, como seres humanos, atraídos pela tragédia. Algumas delas são frutos das próprias ações humanas, como no caso dos nazistas. Mas de qualquer forma, a História não nos proporciona tantos fatos bons e bonitos como gostaríamos. Geralmente as mudanças e processos, que conduzem a História do mundo, são violentos, banhados por um mar de sangue. É fato. Nós só relatamos isso e levamos aos seguidores.

O Brasil é um grande exemplo de História movida por eventos trágicos. Geralmente crimes que marcam a nossa História e eventos catastróficos geram comoção da opinião pública e as coisas se modificam, leis são criadas, instituições e tradições sucumbidas.

Ainda sobre matérias que atraem o público, mas agora no âmbito de programas jornalísticos e televisivos de cunho sensacionalista, vemos que o corpo, de uma forma ou outra, acaba sempre se tornando um dos elementos que seduzem o/a telespectador/a e que serve como uma forma de apelo de mídia e audiência. O corpo negro, o corpo com deficiências, o corpo das pessoas trans, o corpo gordo, o corpo considerado “anormal”. Sabe-se que tal sensacionalismo não é de hoje – inclusive já foi assunto discutido por você em outras ocasiões, como na matéria sobre os zoológicos humanos do século XIX – e que está presente principalmente no exagero do fato e na fuga do real. Levando em consideração que a História apresenta continuidades e descontinuidades, você acredita que em algum momento esse tipo de assunto deixará de ser mercantilizado, ou que as mídias estarão permanentemente encenando uma espetacularização do corpo considerado fora dos padrões?

A espetacularização do corpo e da violência geram engajamento muito antes de existirem os programas “Pinga Sangue”. Se dermos uma passadinha rápida pela História, veremos, em quase todos os momentos, esses espetáculos de morte rodeados de pessoas por todos os lados. Desde as crucificações no antigo Império Romano, em que pessoas jogavam pedras nos condenados já em sofrimento pregados nos caibros, até as torturas de suplício na França no século XVII, ou a incineração de mulheres no fim da Idade Média, essa espetacularização parece ter acompanhado a História humana muito mais que outros tipos de fenômenos. Por esses fatores, entendo que essa tendência não passará. Aliás, acredito que não é uma tendência, mas algo ligado à formação do caráter humano mesmo.

Hoje vivemos na era da cultura digital e do excesso de informações, em que o público tem acesso às notícias e acontecimentos não apenas pela televisão, como em décadas passadas, mas online e em tempo real. Entretanto, como lidar e combater as constantes fake news?

Esse é um problema para o qual, neste momento, não vejo solução. O viés de confirmação nas redes sociais é algo muito forte. A maioria das pessoas não se importa se algo é real ou não, elas apenas acreditam porque aquilo confirma o que ela já pensa ou instiga seu ódio.

Nós, da página, já publicamos informações errôneas por falta de checa-

gem, movidos pela impulsão de mostrar algo. Claro que depois de sermos avisados sobre a informação falsa, retiramos a publicação. Nas redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, em que se pode avisar o indivíduo que ele está compartilhando ou produzindo *fake news*, fica mais fácil de combater, mas, na verdade, as máquinas de *fake* que têm tomado conta da cabeça de milhões de brasileiros agem através do *WhatsApp* entrando nas mentes das pessoas de forma calada, individualmente, sem ninguém para desmentir o fato. Dessa forma, fica muito difícil de combater a disseminação dessas publicações.

Muito tem se falado, contemporaneamente, de uma hibridização entre humano e máquina. Como você analisa essa questão? Já estaríamos vivendo isso?

Certamente já vivemos o princípio de um hibridismo. Seja usando marcapasso, necessitando de uma máquina de hemodiálise, ou interagindo por meio das redes sociais. Mas, pelo que se tem notícia, a ciência tem avançado muito em questões que envolvem inteligência artificial e o hibridismo humano e máquina. Muitos cientistas têm avançado nesse sentido, mas acredito que as comunidades acadêmica e científica terão que virar seus olhos e atenções para a discussão filosófica sobre ética e moral. Há um limite em que a ciência pode adentrar, e nós precisamos discutir essa fronteira.

Há pesquisadores/as que já dizem, por exemplo, ser possível escanear memórias das pessoas e colocar em um *HD* (disco rígido). Veja, estamos falando da última fronteira da individualidade e da privacidade humanas, o pensamento, as memórias, o passado interpretado pelas conexões mentais. Como seria um *backup* disso? Como poderíamos colocar isso dentro de computadores? Dando acesso para outras pessoas. Isso é muito complexo, mas é o caminho que a ciência tem tomado.

Dentre todas as matérias e trabalhos feitos até hoje, há algum que tenha feito mais sentido para você enquanto pesquisador? E enquanto pessoa?

Minha área de pesquisa é educação e violência urbana. Tenho muito interesse pela história do crime organizado. Sempre que realizo publicações sobre esse tema, faço questão de aprofundar meu olhar, testar hipóteses, colher e tabular dados. Todas as publicações que fiz nessas áreas fizeram um grande

sucesso. Talvez seja o reconhecimento do esforço e vontade, ou talvez sejam temas que atraem os seguidores.

Enquanto pessoa, posso citar a pesquisa e texto que escrevi sobre como eram os navios negreiros e como os tubarões eram usados para causar pânico nos escravizados. Aquilo tudo mexeu muito comigo e fiquei me questionando sobre como a humanidade teve coragem de manter tantos anos prendendo e torturando pessoas. Também mexe muito comigo a Luta pelos Direitos Civis dos negros nos Estados Unidos e os casos de injustiças contra afro-americanos que encontramos na história do país no século XX. São absurdos tão grandes, que mesmo tendo já escrito bastante sobre o tema, fico tocado toda vez que descubro algo novo. Mas, ao longo desses anos, fomos tocados por muitas pesquisas e publicações. Nós falamos de História. A História é construída por dramas humanos, então mexe mesmo com o coração. Bem normal isso.

No momento você possui projetos paralelos ou ideias de projetos futuros além da página Iconografia da História?

Neste momento, estamos inaugurando o site da *Iconografia da História*, queremos sair um pouco das redes sociais e usá-la para divulgação. Ter um site é como ter uma casa própria, podemos trabalhar sem censura e sem ficar à mercê das políticas e do algoritmo do *Facebook e Instagram*. Optamos também por essa ferramenta, pois um site dá um aspecto mais formal à produção, fazendo com que nosso trabalho pareça mais sério do que o que publicamos nas redes sociais. Nós percebemos que as pessoas têm a percepção de que tudo nas redes sociais são e podem ser copiados sem problema. Por isso sofremos tanto com plágios, e esperamos que no site isso diminua um pouco.

Também estamos aumentando a produção de vídeos para o *YouTube* e trabalhando no lançamento de um livro com biografias que já produzimos para a página e outras inéditas. Acreditamos que não há mais como parar esse trabalho, ele já atingiu muita gente e a tendência é diversificar e tornar a produção algo cada vez mais sério.

Entrevista submetida em 16 de dezembro de 2020. Aprovada em 27 de janeiro de 2021.